

Silas Alberto Garcia



Universidade Federal de Goiás (UFG)
silasgarcia11@gmail.com

Jacques de Lima Ferreira



Universidade do Oeste de Santa Catarina
(Unoesc)
drjacqueslima@gmail.com

Submetido em: 02/06/2022

Aceito em: 22/07/2022

Publicado em: 23/12/2022

 [10.28998/2175-6600.2022v14n36p358-378](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n36p358-378)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

ANÁLISE DE CONCEITO E ANÁLISE TEMÁTICA NA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

RESUMO

O presente artigo, de caráter bibliográfico, sobre Análise de Conceito e Análise Temática, apresenta como problema de pesquisa o seguinte questionamento: Como realizar a Análise de Conceito e Análise Temática para analisar dados qualitativos em educação? Para responder esse questionamento essa investigação tem o objetivo de descrever e propor etapas para a realização da Análise de Conceito e Análise Temática como uma possibilidade para analisar dados qualitativos nas pesquisas em educação. A partir da investigação realizada foi possível identificar que a Análise de Conceito e a Análise Temática são muito contributivas para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas em educação. Por meio delas, os pesquisadores podem analisar diferentes tipos de problemáticas e interesses de pesquisa. Portanto, são técnicas de análise de dados que, se forem utilizadas com rigor, credibilidade e qualidade, podem auxiliar na construção de profícuos resultados de pesquisa. Além disso, em uma pesquisa mais ampla, com uma problemática mais complexa, é possível utilizá-las em conjunto, por meio da triangulação de técnicas de análise de dados.

Palavras-chave: Análise de conceito. Análise temática. Pesquisa qualitativa. Educação.

CONCEPT ANALYSIS AND THEMATIC ANALYSIS IN QUALITATIVE RESEARCH IN EDUCATION

ABSTRACT

This bibliographic article on Concept Analysis and Thematic Analysis presents the following question as a research problem: How to carry out Concept Analysis and Thematic Analysis to analyze qualitative data in education? To answer this question, this investigation aims to describe and propose steps to carry out Concept Analysis and Thematic Analysis as a possibility to analyze qualitative data in research in education. From the investigation carried out, it was possible to identify that Concept Analysis and Thematic Analysis are very contributors to the development of qualitative research in education. Through them, researchers can analyze different types of problems and research interests. Therefore, they are data analysis techniques that, if used with rigor, credibility and quality, can help in the construction of fruitful research results. Furthermore, in a broader research, with a more complex problem, it is possible to use them together, through the triangulation of data analysis techniques.

Keywords: Concept analysis. Thematic analysis. Qualitative research. Education.

1 INTRODUÇÃO

A complexidade humana e as questões sociais desafiam os pesquisadores a chegarem a uma definição precisa para a abordagem qualitativa. No entanto, em diferentes áreas do conhecimento, esse enfoque pode apresentar diversos conceitos, definições e temáticas em sua constituição. A pesquisa qualitativa permite que o pesquisador interprete os eventos humanos dentro da sua singularidade e multiplicidade a partir de diferentes opções metodológicas (YIN, 2016).

Nessa abordagem é possível utilizar vários instrumentos de coleta de dados, assim como técnicas de análise de dados, que podem contribuir no rigor e na qualidade da investigação, salvaguardando as características da pesquisa qualitativa. É importante mencionar que uma produção científica de qualidade possibilita que seus resultados sejam utilizados pela sociedade.

A análise qualitativa de dados apresenta importante função no desenvolvimento da investigação e saber como analisar os dados qualitativos, a partir de técnicas, é de extrema importância, pois permite que o pesquisador contemple os dados de forma sistêmica, com uma compreensão ou interpretação detalhada do fenômeno analisado.

No campo das Ciências Humanas e Sociais, em especial na área da educação, as técnicas mais utilizadas para análise qualitativa de dados são a Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso. Nesta lógica, entende-se que a escolha de uma técnica para analisar os dados qualitativos já permite uma inferência, que pode acontecer a partir da Análise de Conteúdo, onde a mesma caracteriza-se por um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a conteúdos extremamente diversificados, como textos, imagens, fotos, gravações, entre outros. Para Bardin (2016), o termo análise de conteúdo representa:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2016, p. 47).

Entretanto, a Análise do Discurso, é um campo da linguística muito amplo, onde “valoriza detalhes que, muitas vezes, são desperdiçados ou ignorados, por parecerem pequenos. Muitas vezes, é na ponderação e no silêncio que se lê muito mais do que nas palavras ditas ou escritas” (CRUZ; FERREIRA, 2021, p. 14). Conforme Cruz e Ferreira (2021, p. 12):

[...] há mais de cinquenta variedades de análise do discurso, com enfoques e baseadas em diferentes escolas teóricas. Entretanto, todos têm a comunicação como seu foco, observando a língua como algo vivo e que tem conexões estabelecidas com o falante, suas intenções, valores e efeitos.

Contudo, sabe-se que a análise qualitativa de dados é um processo complexo em que várias técnicas podem ser utilizadas, como a Análise de Conceito (AC) e Análise Temática (AT). A partir desse ponto de vista, esta investigação apresenta como problema de pesquisa a seguinte indagação: Como realizar a Análise de Conceito e Análise Temática para analisar dados qualitativos em educação? Para responder essa indagação, a presente pesquisa tem o objetivo de descrever e propor etapas para a realização da Análise de Conceito e Análise Temática como possibilidade para analisar dados qualitativos em educação. Metodologicamente, esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, de natureza interpretativa, realizada em artigos, livros, teses e dissertações que tratam da temática.

A partir dos resultados obtidos na pesquisa bibliográfica, acredita-se que essa investigação possa contribuir para uma melhor compreensão sobre a Análise de Conceito e Análise Temática na abordagem qualitativa no contexto das pesquisas em educação, assim como, na formação e no desenvolvimento de pesquisadores. Por essas razões, este artigo visa apresentar as duas técnicas e diferenciá-las para que pesquisadores possam aplicá-las, entendendo que na análise qualitativa os dados podem não estar estruturados e seja necessário utilizar uma técnica para viabilizar clareza metodológica, bem como, credibilidade e rigor.

2 ANÁLISE DE CONCEITO: O QUE É?

Quando se trata de conceitos, não há como negar a sua pertinência para o desenvolvimento de conhecimentos (teológico, mítico, popular, filosófico e científico). Tal fato fica mais evidente em decorrência do percurso da história da humanidade onde diversos filósofos, pensadores e cientistas se empenharam especificamente em elucidar ou criar determinados conceitos. A título de exemplo, filósofos como Platão e Aristóteles dedicaram-se na explicação conceitos como democracia e ética, os teólogos como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino mobilizaram os conceitos de fé e razão, Galileu e Newton detiveram-se em explicar e esclarecer conceitos físicos do mundo, etc.

Nesse sentido, isso demonstra que conceitos sempre estiveram na agenda de preocupações da humanidade, afinal, conceitos são imprescindíveis para conhecer e entender as questões que circundam o universo e, principalmente, para o

desenvolvimento de teorias do conhecimento científico (TÄHTINEN; HAVILA, 2018). Então, mesmo sem um crivo metodológico específico, a AC já era realizada desde a era clássica, por isso seria muito hermético e temerário tentar datar o seu surgimento. Com efeito, o que podemos dizer, embasando-se em Wilson (2001), é que a AC, como uma técnica metodológica, ganhou bastante força em meados do século XX. Ademais, pode-se considerar Wilson como um dos principais pioneiros da técnica de AC, uma vez que ele foi um dos primeiros a denominá-la, conceituá-la, explicá-la e a propor procedimentos para sua realização (SOUSA *et al.*, 2018).

Embora Wilson (2001) tenha escrito o livro *Pensar com conceitos* com o intuito de fornecer um manual didático para auxiliar estudantes do ensino médio a compreender, analisar e criticar de forma mais diligente os conceitos, é a partir de sua obra que a AC começa a ser vislumbrada como uma possibilidade de técnica de pesquisa para analisar dados. Isso porque as suas proposições serviram como inspiração para que outros pesquisadores desenvolvessem suas propostas de AC.

No entanto, essa técnica de análise de dados não teve tanta difusão no campo da educação (KAHN; ZEIDLER, 2017), ao passo que no campo da enfermagem, especialmente a partir da década de 1980, a AC se popularizou (MADUREIRA *et al.*, 2021; NUOPPONEN, 2010). Ratifica isso, o fato de que no campo da enfermagem existem diversas tendências metodológicas para a Análise de Conceito, a saber: a wilsoniana de Walker e Avant; a evolucionária de Rodgers; a híbrida de Schwartz-Barcott e Kim; a sistemática de Nuopponen; a pragmática de Morse; a integrada de Meleis e a de princípios de Penrod e Hupcey (BRANDÃO *et al.*, 2019; FERNANDES *et al.*, 2011; MADUREIRA *et al.*, 2021; SOUSA *et al.*, 2018; ZAGONEL, 1996).

Isto posto, essa ampla existência de tendências demonstra que essa técnica de análise se desenvolveu e teve uma maturação significativa no campo da enfermagem, o que na educação não aconteceu, dado que a AC é pouco usada como técnica para análise de dados nas pesquisas no campo educacional (KAHN; ZEIDLER, 2016). Disso decorre a motivação para explorar a AC como uma possibilidade significativa para a análise de dados em pesquisas qualitativas da educação.

Mas, afinal, o que é a Análise de Conceito? Em virtude da variedade de tendências sobre a AC que surgiu no campo da enfermagem, não há um único significado que traduza consensualmente a sua essência, posto que cada tendência tem um enfoque específico para essa técnica. Nessa perspectiva, há aqueles que entendem que a finalidade da AC é constatar, diferenciar e esclarecer os atributos dos conceitos, enquanto outros sustentam que o propósito dessa técnica é possibilitar que o pesquisador possa

investigar a significância, o uso e a aplicação que um determinado conceito teve ao longo de sua evolução histórica (MADUREIRA *et al.*, 2021).

Entretanto, em termos simples, conforme Wilson (2001), podemos dizer que a AC representa uma técnica que tem como objetivo primordial analisar e esclarecer conceitos. De modo mais desenvolvido, Brandão *et al.*, (2019, p. 4) escreve que uma “[...] análise conceitual busca trazer clareza aos fenômenos da prática e da pesquisa [...] persegue usos que são atribuídos a um dado conceito, e vislumbra construir definições constitutivas e operacionais para melhor precisão e entendimento na difusão do conceito”.

Algumas tendências de análise conceitual desenvolvidas no campo da enfermagem são mais rígidas e inflexíveis por não considerarem o processo de desenvolvimento histórico, a evolução e a dinamicidade dos conceitos (MADUREIRA *et al.*, 2021). Nessa senda, cabe ressaltar que ao empreender uma análise conceitual de caráter qualitativa no campo da educação, o pesquisador precisa, para ter coerência epistemológica com a pesquisa qualitativa, compreender que não se trata de uma tentativa de dar a um determinado conceito um único significado, uma única definição terminante. Seria anacronismo buscar a definição categórica de um conceito, pois os conceitos são temporais, evolutivos e são condicionados pelo contexto em que estão inertes. O que o pesquisador pode buscar é analisar a evolução histórica de um conceito, as diversas formas em que esse conceito foi e é empregado, as ambiguidades e limitações na forma como o conceito vem sendo definido e buscar propor um significado mais coerente para o conceito de acordo com um contexto.

Algumas problemáticas que poderiam surgir são: 1) Qual seria a pertinência da AC para pesquisas qualitativas em educação? 2) As revisões de literatura e metassínteses não seriam possibilidades melhores do que a AC?

Para dialogar com essas duas problemáticas recorreremos ao seguinte exemplo: um pesquisador está interessado em investigar o conceito de ensino remoto. Como ele deveria proceder? Alguns dirão que ele pode fazer uma revisão na literatura buscando identificar como esse conceito vem sendo utilizado. Para deixar a sua pesquisa mais significativa ainda, ele também pode fazer uma pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas para analisar como professores vêm utilizando o conceito de ensino remoto. Feito isso, esse pesquisador terá condições de analisar esse conceito. Entretanto, de que maneira ele realizará a análise dos seus dados? Será apenas por meio da análise interpretativa? Será por meio da análise de conteúdo? Todas essas possibilidades de técnica de análise de dados são significativas, mas nenhuma delas foram desenvolvidas especificamente para analisar conceitos. Daí a enorme significância

da técnica de AC. Através dela, o pesquisador terá mais rigor na sua pesquisa, uma vez que a técnica de AC lhe dará mais recursos metodológicos para analisar qualquer conceito com mais qualidade e credibilidade.

Assim sendo, a AC é uma alternativa mais significativa para analisar conceitos do que se comparada às revisões de literatura e às metassínteses, porque ela oferece recursos mais idôneos para operacionalizar com esse tipo de empreendimento. Outrossim, diferentemente das revisões de literatura e das metassínteses, a AC pode ir além da análise da produção científica, ela também é capaz de abarcar, como sustenta a tendência híbrida de Schwartz-Barcott e Kim, a avaliação de conceitos oriundos da prática profissional do campo investigado ou do contexto que o conceito é proveniente. Ou seja, se o pesquisador está interessado em analisar o conceito de ensino remoto em sua totalidade, ele também poderá analisar empiricamente como esse conceito vem sendo empregado na prática profissional da educação.

2.1 Etapas para realizar a análise de conceito

O pesquisador interessado em realizar uma AC encontrará diversas alternativas de tendências no campo da enfermagem que poderão servir de fundamentação para seu empreendimento. Contudo, em se tratando exclusivamente de pesquisa qualitativa no âmbito do campo da educação, não há uma proposta/tendência específica que oriente o pesquisador a utilizar essa técnica de análise de dados. Dessa maneira, propõe-se neste tópico algumas etapas para a realização de uma alternativa de AC que seja mais consonante com as características da pesquisa qualitativa em educação. Cabe ressaltar que se trata apenas de uma alternativa que, no entendimento dos pesquisadores, pode ser mais apropriada para o contexto da pesquisa qualitativa em educação. Porém, várias outras apropriações ou propostas de AC poderão ser desenvolvidas.

Tendo em conta algumas particularidades da pesquisa qualitativa em educação, as etapas da AC proposta partem de uma apropriação feita a partir da fusão de duas tendências do campo da enfermagem, são elas: a evolucionária de Rodgers; e a híbrida de Schwartz-Barcott e Kim. Para uma melhor elucidação da proposta, num primeiro momento apresentam-se no Quadro 1 os objetivos, as características e etapas dessas duas tendências do campo da enfermagem.

Quadro 1 - Descrição das técnicas de Análise de Conceito evolucionária e híbrida

Tendência	Objetivo	Etapas
Análise de Conceito evolucionária (Rodgers)	Propõe-se a elucidar conceitos, avaliando sua robustez, limitações e introduzindo variações que ampliem sua contribuição para alcançar objetivos intelectuais. Na análise, são essenciais: significância, uso e aplicação, que progridem em ciclo contínuo através do tempo e de acordo com o contexto, o que caracteriza a concepção evolucionária.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identificar o conceito e os termos associados; 2. Selecionar um domínio apropriado (um contexto ou uma amostra) para a colheita de dados; 3. Recolher dados para identificar os atributos do conceito e a base conceitual do conceito (isto é, variações interdisciplinares, socioculturais e temporais); 4. Analisar os dados relativos às características do conceito; 5. Identificar referentes, antecedentes e consequentes; 6. Identificar hipóteses e implicações para o desenvolvimento futuro.
Análise de Conceito híbrida (Schwartz-Barcott e Kim)	Visa refinar conceitos para desenvolvimento de teorias. Híbrida porque interliga análise teórica e observação empírica.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fase Teórica: seleção do conceito, busca na literatura, busca de significados e instrumentos de medida do conceito, para escolher definição a ser usada na fase de campo; 2. Trabalho de Campo: seleção de um campo, negociação da entrada no campo, seleção de casos, coleta e análise de dados; 3. Fase Analítica: analisar e ponderar os dados, redigir os achados.

Fonte: adaptado de Madureira *et al.* (2021) e Sousa *et al.* (2018)

Como se nota no Quadro 1, as tendências evolucionária e híbrida possuem objetivos e etapas distintas. A evolucionária, a grosso modo, como sugere o próprio nome, busca analisar como ocorreu a evolução de um determinado conceito. Portanto, os aspectos temporais e históricos são fundamentais para o desenvolvimento dessa tendência, posto que se compreende que os conceitos são dinâmicos e mutáveis conforme o contexto que estão inseridos (FERNANDES *et al.*, 2011; MADUREIRA *et al.*, 2021; SOUSA *et al.*, 2018).

A técnica de AC híbrida, diferentemente das outras tendências, tem como finalidade analisar tanto os usos teóricos de um conceito, quanto o seu emprego prático no contexto do campo de intervenção (prática profissional) do qual ele é oriundo. Por esse motivo, denomina-se de híbrida, porquanto sua proposta metodológica abarca a análise teórica e a investigação empírica. Sendo assim, considera-se ser fundamental para o desenvolvimento e refinamento de um conceito a harmonia entre as dimensões teóricas (literatura existente sobre o conceito) e práticas (usos do conceito na prática profissional) (MADUREIRA *et al.*, 2021; SOUSA *et al.*, 2018).

Visto alguns elementos principais das tendências evolucionária e híbrida, dedica-se agora a apresentar uma proposta de AC para o contexto da pesquisa qualitativa em educação. Para tanto, no Quadro 2, expõe-se o objetivo, bem como as etapas da proposta.

Quadro 2 - Descrição da técnica de Análise de Conceito para pesquisa qualitativa em educação

	Objetivo	Etapas
Análise de Conceito para pesquisa qualitativa em educação	Analisar como os conceitos se desenvolveram historicamente, como estão sendo usados na literatura e no contexto da prática profissional da educação e quais as suas potencialidades e limitações para o campo educacional.	<ol style="list-style-type: none">1. Seleção do(s) conceito(s);2. Definição dos procedimentos para o levantamento bibliográfico do conceito;3. Coleta dos dados para a análise do conceito;4. Análise dos dados para verificar as características, os atributos e a base contextual do conceito (antecedentes, consequentes e referentes);5. Escolha do contexto e dos procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa de campo;6. Análise e contrastação dos dados da pesquisa teórica com a pesquisa de campo;7. Exposição dos resultados da pesquisa.

Fonte: elaborado pelos autores

Como apresenta-se no Quadro 2, a proposta de AC possui como objetivo analisar como os conceitos se desenvolveram historicamente, como estão sendo usados na literatura e no contexto da prática profissional da educação e quais as suas potencialidades e limitações para o campo educacional. Esse objetivo abarca uma compreensão condizente com a pesquisa qualitativa, uma vez que busca analisar o objeto investigado (o conceito) em sua plenitude (dimensões teóricas e práticas), considerando os seus aspectos subjetivos, sociais, históricos e temporais. Propõe-se 7 (sete) etapas que são inter-relacionadas para a realização da AC em pesquisas qualitativas na educação. São elas:

Etapa 1 - seleção do(s) conceito(s): é o ponto de partida no qual o pesquisador deverá escolher o(s) conceito(s) que pretende analisar, bem como definir seu problema de pesquisa e seu(s) objetivo(s). A escolha do(s) conceito(s) poderá se dar pela sua significância para o contexto da educação, pela incidência de seu uso, por fazer parte de uma determinada teoria que o pesquisador pretende utilizar, por possuir ambiguidades em sua definição, pela possibilidade de uma nova definição conceitual etc. Uma boa

delimitação do(s) conceito(s) é imprescindível para a realização de uma análise qualificada.

Etapa 2 - definição dos procedimentos para o levantamento bibliográfico do conceito: é o momento de delimitar o recorte temporal dos dados que serão analisados, o parâmetro linguístico e também da escolha do recorte espacial (se será em base de dados, em repositórios, em documentos, em determinados periódicos, etc.) para a busca das fontes. É importante que, na delimitação do recorte temporal, o pesquisador busque investigar o maior período possível, do contrário não conseguirá abranger um intervalo que possibilite compreender de modo satisfatório a evolução do(s) conceito(s).

Etapa 3 - coleta dos dados para a análise do conceito: é a etapa em que os dados do levantamento bibliográfico serão coletados, selecionados e armazenados considerando os critérios definidos na etapa 2. Também nessa etapa, os critérios de inclusão e exclusão que serão utilizados no levantamento bibliográfico deverão ser determinados.

Etapa 4 - análise dos dados para verificar as características, os atributos e a base contextual do conceito (antecedentes, consequentes e referentes): consiste na principal etapa da parte teórica da AC. É aqui que o pesquisador irá analisar os dados coletados buscando identificar os atributos, os antecedentes, os consequentes, os termos substitutos e os conceitos relacionados. Os atributos representam os termos e as palavras que formam a essência do conceito. Os antecedentes são aqueles elementos, eventos e/ou fenômenos que tiveram influência para o surgimento de um conceito. Os consequentes correspondem aos fenômenos ou situações que derivam do surgimento do conceito. Os termos substitutos são as palavras e expressões encontradas na coleta de dados que são usadas com o mesmo sentido do que o conceito analisado. Os conceitos relacionados consistem em outros conceitos que colaboram para a composição do conceito investigado. Essa é uma etapa que demanda muito tempo e empenho analítico do pesquisador. Definir os atributos do conceito constitui uma etapa medular. Por isso, deve-se ter muito cuidado para que não haja confusão com aquilo que representa a essência e aquilo que é algo secundário do conceito.

Etapa 5 - Escolha do contexto e dos procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa de campo: nesse ponto o pesquisador deverá definir o local, os sujeitos e os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa de campo. Ele poderá optar por fazer entrevistas ou aplicar questionários. O local para a realização da pesquisa empírica deverá representar o campo de intervenção em que o conceito é utilizado e aplicado. Da mesma forma, é substancial que os sujeitos que farão

parte da pesquisa já possuam uma boa experiência no campo de intervenção do qual o conceito investigado é oriundo. Por exemplo, se o conceito a ser analisado é “educação do campo”, o pesquisador terá dados mais ricos e fidedignos para analisá-lo se os sujeitos da pesquisa tiverem relação direta com o contexto de intervenção da educação do campo.

Etapa 6 - análise e contrastação dos dados da pesquisa teórica com a pesquisa de campo: nessa etapa será realizada a análise dos dados coletados a partir da pesquisa de campo. Para uma boa análise é necessário confrontar os resultados obtidos da pesquisa teórica com os dados coletados da pesquisa empírica. O intuito dessa ação é: verificar se há diferenças nos significados e nos usos do conceito na literatura e no campo de intervenção, bem como identificar as ambiguidades e lacunas no emprego do conceito. Após isso, o pesquisador terá condições (se for o caso) de propor novos significados e usos para que o conceito seja utilizado de forma mais harmônica e coerente, na teoria e na realidade do campo de intervenção. Ademais, poderá apresentar alternativas para superar as limitações e as ambiguidades que o conceito possui.

Etapa 7 - exposição dos resultados da pesquisa: é o momento de apresentar os resultados da pesquisa. Recomenda-se que sejam utilizados quadros, infográficos, fluxogramas e/ou mapas mentais para uma exposição mais qualificada e didática dos resultados obtidos, tais como dos atributos, dos antecedentes, dos consequentes, dos termos substitutos e dos conceitos relacionados. Nessa etapa também pode-se denotar algumas hipóteses que surgiram no decurso da pesquisa que poderão servir de base para futuras pesquisas relacionadas com o conceito investigado.

São 7 (sete) etapas sugeridas. Ressalva-se que o pesquisador pode optar por realizar apenas a AC na dimensão teórica. Certamente será uma contribuição muito significativa para o campo educacional. No entanto, se o objetivo for analisar o conceito em sua totalidade, a investigação empírica do conceito no campo de intervenção é um fator essencial.

Além disso, salienta-se que não se está prescrevendo uma forma única e definitiva para a Análise de Conceito, e sim sugerindo algumas etapas que são contributivas, mas que podem ser modificadas e adaptadas conforme a necessidade do pesquisador. Por fim, corroborar que “os conceitos são dinâmicos e mudam ao longo do tempo, uma Análise de Conceito nunca deve ser considerada como um produto acabado, mas como uma definição de seus atributos naquele momento atual” (BRANDÃO *et al.*, 2019, p. 3).

3 ANÁLISE TEMÁTICA: O QUE É?

Caracterizada como muito flexível e de fácil utilização, a Análise Temática (AT) é uma técnica de análise de dados qualitativos que, conforme Barrera, Tonon e Salgado (2012), se originou, sobretudo, a partir das bases metodológicas e epistemológicas da fenomenologia social de Schutz. No entanto, as principais referências desenvolvidas, no que concerne à técnica de AT, são os trabalhos de Virginia Braun e Victoria Clarke, no âmbito do campo da Psicologia, dado que as autoras contribuíram significativamente para explicitar as concepções teóricas que a envolve, o modo de desenvolvê-la com qualidade e rigor metodológico, propuseram etapas para sua aplicação e pontuaram as vantagens e desvantagens de seu uso (BRAUN; CLARKE, 2006).

A AT tem como finalidade possibilitar a identificação, a codificação, a análise, a interpretação, o registro e a exposição de padrões/temas provenientes de um *corpus* de dados (BRAUN; CLARKE, 2006; ROSA; MACKEDANZ, 2021; SOUZA, 2019). Cabe o questionamento: O que são temas? De acordo com Vaimoradi *et al.*, (2016) temas, no âmbito da pesquisa, podem ser compreendidos como um tópico implícito que abarca um grupo de ideias, conceitos, concepções que se repetem dentro de um *corpus* de dados, isto é, contém códigos que possuem conteúdos semelhantes com um alto nível de generalidade, agrupando, assim, ideias sobre o assunto investigado. Desse modo, a AT exige do pesquisador muita capacidade interpretativa, uma vez que os temas são implícitos e abstratos, o que demanda uma análise mais criteriosa e atenta para identificá-los.

Em consonância com Javadi e Zarea (2016), a AT é capaz de tratar de variados tipos de dados, tais como transcrições de entrevistas, respostas de questionários, notas de campo, fotos e vídeos, diferentes tipos de textos e documentos etc. Então, é uma técnica que apresenta diversas possibilidades de utilização para os diferentes propósitos de pesquisas.

A AT pode ser desenvolvida seguindo uma orientação indutiva (qualitativa) ou dedutiva (quantitativa) (teórica). Na orientação indutiva os temas serão identificados exclusivamente através dos dados, “ou seja, [...] não [se] pretende partir de uma grade pronta de categorias ou temas para analisar os dados” e não há espaço para interpretações teóricas pessoais do pesquisador (SOUZA, 2019, p. 53). Portanto, na análise indutiva, a finalidade é realizar, mormente, uma descrição completa e meticulosa do *corpus* dos dados, enquanto uma AT dedutiva seria direcionada por meio dos

interesses teóricos ou analíticos do pesquisador, isto é, seria conduzida pelas impressões do analista, não detalhando em demasia os dados, e sim dando enfoque a alguns elementos destes dados (BRAUN; CLARKE, 2006).

Além disso, segundo Braun e Clarke (2006), há que se definir se os temas serão identificados por intermédio do nível semântico ou do nível latente. Em uma AT conduzida a partir do nível semântico, o pesquisador buscará identificar estritamente os temas através dos dados explícitos e superficiais, não tendo nenhuma preocupação com nada que está além da descrição dos dados. Por outro lado, em uma AT de nível latente, o foco será em interpretar elementos que estão implícitos nos conteúdos dos dados, tal como ideias, perspectivas, ideologias, etc. Portanto, de forma lacônica, depreende-se que o nível semântico se circunscreve na pura descrição dos dados, enquanto o nível latente busca interpretar o que pode ser pressuposto a partir da análise do *corpus* dos dados.

Devido a sua enorme flexibilidade que torna, de certo modo, fácil a sua aplicação, Braun e Clarke (2006) asseveram que a AT deveria ser a primeira técnica de análise de dados qualitativos que os pesquisadores deveriam dominar, pois por meio dela pode-se aprender habilidades fundamentais para o desenvolvimento de diversas outras técnicas de análise de dados. A justificativa para tal fato é que:

A AT possui características semelhantes a procedimentos tradicionalmente adotados na análise qualitativa. Aspectos como busca por padrões, recursividade, flexibilidade, homogeneidade interna nas categorias/temas e heterogeneidade externa entre as categorias/temas são características fundamentais de análises qualitativas (SOUZA, 2019, p. 53).

Contudo, é imprescindível compreender que apesar de ser uma técnica flexível, a AT também precisa ser desenvolvida com o máximo de rigor metodológico. Nesse sentido, em conformidade com Flick (2009) e Moreira (2018), embora não haja um protocolo definitivo a ser seguido, para que a pesquisa qualitativa tenha qualidade e rigor faz-se necessário que alguns critérios sejam levados em consideração, entre eles a credibilidade. Em suma, esse critério possui relação com a transparência e a autenticidade que se dá no âmago dos processos e resultados da pesquisa.

Assim sendo, na utilização da AT o pesquisador precisa, para não cair em uma lógica de “vale tudo”, delimitar bem o que pretende fazer e ser totalmente transparente com suas escolhas, explicitando o porquê delas e descrevendo pormenorizadamente como cada etapa da análise foi realizada no desenvolvimento da pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2006; BARRERA; TONON; SALGADO, 2012). Ademais, deve-se proceder de modo que os resultados expostos pela pesquisa sejam condizentes com os dados

analisados, e não simplesmente com as impressões e preconceções do pesquisador. Ademais, os temas encontrados devem ter coerência com os dados coletados, com os objetivos da pesquisa e com o referencial teórico adotado (principalmente se for uma AT dedutiva) (JAVADI; ZAREA, 2016).

Em conformidade com Braun e Clarke (2016), embora o número de ocorrências seja um fator pertinente para a identificação de um tema, é necessário ter o cuidado para não priorizar um determinado tema simplesmente porque ele possui uma maior incidência dentro de um conjunto de dados. Não existe uma referência de percentual a ser seguida de forma rígida para a definição de um tema, afinal, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Destarte, a determinação dos temas depende muito mais da capacidade analítica e interpretativa do investigador do que da prevalência de determinados dados.

Nesse sentido, o que realmente denota um tema é a pertinência do seu conteúdo para a problemática investigada. Por isso, o pesquisador não se deve ficar limitado à prevalência dos dados. Às vezes, um tema que aparece em maior número num determinado grupo de dados, pode não ter muita significância para a pesquisa, ao passo que um tema com menor incidência pode ser extremamente contributivo para o desenvolvimento da investigação.

[...] a quantidade de exemplos não necessariamente determina que um tema é mais, ou menos, significativo que outros. Tampouco é uma questão de maior porcentagem de itens (por exemplo: transcrições de entrevistas) nos quais se identificou extratos que representam o tema (50% das entrevistas contêm extratos neste tema, confirmando-o como tema, ao passo que outro está presente em “apenas” 40% – não deve ser este o raciocínio). Pode ser que um tema encontre pouco espaço em alguns itens, ou pequeno ou mesmo nenhum em outros (por exemplo: um determinado tema não foi encontrado em uma ou duas das transcrições do banco). Portanto, a avaliação do pesquisador será necessária para determinar o que é um tema, bem como quando ele está, de fato, “pronto” [...]. Deve-se manter flexibilidade em todo o processo. É esta mesma flexibilidade na AT que permite que se determinem temas (e sua prevalência) de diferentes formas (SOUZA, 2019, p. 55).

Entretanto, essa flexibilidade não implica em um processo totalmente arbitrário, faz-se necessário que, no desenvolvimento da pesquisa, sejam definidos critérios coerentes e razoáveis para a determinação dos temas. A maneira pela qual o investigador definiu seus temas e o grau de importância dado a eles precisam ser muito bem delimitados e explicados na metodologia do trabalho.

Vistas algumas questões centrais para a compreensão da AT, no próximo tópico serão apresentadas algumas etapas que poderão servir de base para a aplicação dessa profícua técnica de análise de dados qualitativos.

3.1 Etapas para realizar a análise temática

Por ser uma técnica de pesquisa característica da pesquisa qualitativa, a AT pode ser aplicada de inúmeras maneiras, isto é, não há uma única forma de utilizá-la. Todavia, corroborando com Braun e Clarke (2006), tal fato não inviabiliza que propostas de aplicação dessa técnica sejam desenvolvidas, pois ainda que seja bastante flexível, a análise temática possui alguns elementos que são imprescindíveis para sua realização. Ademais, propor o passo a passo do “como” proceder para operacionalizar com um determinado método ou técnica contribui para sua democratização e melhor compreensão.

A proposta de aplicação da AT aqui apresentada está embasada nas fases propostas por Braun e Clarke (2006), porém buscando deixá-la ainda mais didática, com alguns pequenos incrementos e ajustes. Na proposta original dos referidos autores, foram propostas 6 (seis) fases para o desenvolvimento da AT. No Quadro 3 abaixo, são apresentadas as fases e a síntese descritiva de cada uma delas.

Quadro 3 - Descrição das fases da Análise Temática

Fase	Descrição
1) Familiarização com dados	Transcrever os dados e revisá-los; ler e reler o banco; anotar ideias iniciais durante o processo.
2) Geração de códigos iniciais	Codificar aspectos interessantes dos dados de modo sistemático em todo o banco; reunir extratos relevantes a cada código.
3) Busca dos temas	Reunir os códigos em temas potenciais; unir todos os dados pertinentes a cada tema em potencial.
4) Revisão dos temas	Checar se os temas funcionam em relação aos extratos e ao banco de dados como um todo; gerar mapa temático da análise.
5) Definição e nomeação dos temas	Refinar os detalhes de cada tema e a história que a análise conta; gerar definições e nomes claros a cada tema.
6) Produção do relatório	Fornecer exemplos vívidos; última análise dos extratos escolhidos na relação com pergunta de pesquisa e literatura; relato científico da análise.

Fonte: Souza (2016)

A proposição do passo a passo de Braun e Clarke (2006) inicia-se na fase de familiarização com os dados, momento em que o pesquisador está em contato direto com os dados. Todavia, pondera-se que antes de começar o processo de análise do *corpus* dos dados deve-se tomar algumas decisões que serão fundamentais para a realização da AT. Considerando isso, dividiu-se a proposta em etapas e estágios. São 3 as etapas (pré-analítica, analítica e expositiva) e cada uma delas possui seus respectivos estágios (vide quadro 4).

Quadro 4 - Etapas e estágios para a realização da Análise Temática

Etapas	Estágios
Pré-analítica	1) Determinar se a Análise Temática será indutiva ou dedutiva; 2) Definir se os dados serão analisados pelos níveis semânticos ou latentes.
Analítica	1) Familiarização com dados; 2) Produção de códigos iniciais; 3) Identificação de temas; 4) Revisão dos temas; 5) Definição e nomeação dos temas.
Expositiva	1) Construção do relatório.

Fonte: elaborado pelos autores

Etapa pré-analítica: nela o investigador deverá tomar algumas decisões que serão primordiais para as etapas subsequentes. Em síntese, é uma etapa que representa as escolhas metodológicas que terão que ser tomadas antes da análise dos dados. Ela é composta por dois estágios, a saber: 1) Determinar se a AT será indutiva ou dedutiva; e 2) Definir se os dados serão analisados pelo nível semântico ou pelo latente. Tanto o estágio 1 quanto o estágio 2, estão diretamente relacionados com os objetivos e direcionamentos metodológicos da pesquisa.

Estágio 1: Determinar se a AT será indutiva ou dedutiva – Se for intuito da pesquisa identificar os temas apenas pelo que está posto nos dados, sem ter um direcionamento teórico e sem levar em consideração as concepções do pesquisador, no estágio 1 se elegerá a orientação indutiva. Por outro lado, se o propósito for analisar os dados e identificar os temas levando em consideração os interesses teórico-epistemológicos, analíticos e ideológicos do investigador, a AT seguirá a orientação dedutiva.

Estágio 2: Definir se os dados serão analisados pelo nível semântico ou pelo latente – se a finalidade da pesquisa consistir em somente identificar e descrever os temas através do que está explícito no corpus dos dados, o nível da AT será o semântico. Se o propósito for identificar e interpretar os temas de modo a considerar o que também está implícito nos conteúdos dos dados, como pressuposições, conjecturas, ideias e ideologias, o nível da análise será o latente.

Etapa analítica: é a partir desse momento, tendo em conta as escolhas da etapa pré-analítica, que se iniciará o processo de análise do *corpus* de dados. Essa etapa é constituída por 5 (cinco) estágios. São eles: 1) Familiarização com dados; 2) Produção de códigos iniciais; 3) Identificação de temas; 4) Revisão dos temas; e 5) Definição e nomeação dos temas.

Estágio 1: Familiarização com dados – É o estágio no qual o investigador entrará em contato direto com o *corpus* de dados buscando conhecê-lo profundamente (imersão

dos dados). É um processo que para ser bem feito demandará bastante tempo, pois os dados precisam ser lidos várias vezes de forma ativa até o pesquisador ficar bem familiarizado com eles. Uma leitura ativa consiste em ler os dados de forma sistemática, ou seja, buscando por significados, padrões, fazendo anotações de ideias e *insights* que surgiram durante a leitura, destacando elementos centrais do conteúdo dos dados etc. Apenas quando o pesquisador estiver bem seguro de sua familiarização com os dados é que ele deve passar para o próximo estágio.

Estágio 2: Produção de códigos iniciais – Nesse estágio inicia-se o processo de construção de códigos através dos dados. A codificação deverá ser realizada levando em conta as escolhas feitas na etapa pré-analítica, dado que haverá diferença se a análise for indutiva (restrita aos dados) ou dedutiva (vinculada a uma base teórica). Do mesmo modo, se a opção for pelo nível semântico, o pesquisador buscará produzir seus códigos apenas pelo que está explícito nos dados. Por outro lado, se a escolha for pelo nível latente, a produção dos códigos também considerará os conteúdos implícitos dos dados. Mas o que é um código? É um segmento curto que confere características/atributos a um ou mais extratos de dados (pedaços de conteúdos extraídos de um item de dados) avaliados como significativos pelo investigador, que, no caso da análise temática, será crucial para a identificação de possíveis temas a partir de elementos relevantes que se repetem de forma padronizada no *corpus* dos dados. No processo de codificação, deve-se atribuir códigos a todos os extratos que foram selecionados pelo analista. Há a possibilidade de se realizar a codificação manualmente ou por meio de *softwares* (processadores de textos, editores de planilhas ou *softwares* específicos para análise de dados em pesquisas).

Estágio 3: Identificação de temas – Estando todos os extratos significativos codificados, o próximo passo é analisá-los e classificá-los com cautela procurando identificar potenciais temas. Também é importante agrupar todos os extratos dos diferentes códigos que juntos dão origem a um tema. É nesse estágio que o pesquisador terá que começar a interpretar os vínculos entre os códigos, entre os temas, entre os níveis dos temas. Deve-se constatar, separar e organizar aqueles códigos que contribuem para formar temas que, a princípio, se apresentam como centrais, os que aparentam ser secundários (subtemas) e aqueles que poderão ser descartados. Contudo, cabe ressaltar que nesse estágio o analista deverá apenas classificar e separar os códigos conforme a sua pertinência para o desenvolvimento de um tema, não descartando nenhum dado de forma definitiva.

Estágio 4: Revisão dos temas – Esse estágio caracteriza-se pela filtragem e refinamento dos temas. É nesse momento que o pesquisador conseguirá distinguir os verdadeiros temas daqueles que não possuem dados satisfatórios para sustentá-los. Ademais, alguns temas que estavam separados poderão ser juntados para compor um tema só. Assim como, um tema muito amplo poderá ser dividido. Então, é fundamental que seja analisado tanto a coerência de todos os extratos que foram alocados em cada tema para verificar se fazem sentido (dependendo de sua coerência, certos extratos deverão ser alocados para outro tema ou serem descartados), quanto a coerência dos temas em relação à totalidade do *corpus* de dados. No final desse processo, deve-se ter a clareza de que os temas expressam os dados e que eles possuem vinculações entre si.

Estágio 5: Definição e nomeação dos temas – Trata-se de dar os últimos requintes nos temas. Nesse estágio também é preciso se atentar quanto à classificação dos dados, pois um tema avaliado como principal no estágio anterior talvez seja, na verdade, um subtema, assim como um subtema pode ser convertido em um tema principal. Da mesma maneira, deve-se avaliar se realmente os subtemas se justificam ou se precisam ser criados para representar melhor um tema mais amplo. É o momento também do pesquisador pensar e analisar com cuidado os nomes que ele dará aos temas, posto que eles deverão ser concisos e nítidos, representando coerentemente os dados, de tal forma que qualquer pessoa que os lê-los tenham condições de compreender do que se tratam.

Etapa expositiva: consiste na culminância do processo de análise, isto é, nesta etapa os dados serão apresentados a partir da construção do relatório da pesquisa. Por isso, possui o seguinte estágio: 1) Construção do relatório.

Estágio 1 - Construção do relatório: sendo realizadas todas as demais etapas com qualidade, o investigador iniciará a produção do relatório da pesquisa. Este, precisa denotar com clareza, coerência, concisão e lógica a história dos dados. Para tanto, os extratos devem estar bem alocados nos temas para que possam exemplificá-los de modo consistente. Ademais, no relatório necessita estar notório o motivo da prevalência e relevância dos temas produzidos. Contudo, não se deve apenas descrever e apresentar os dados. É fundamental que seja realizado um esforço analítico para que a análise realizada e seus temas construídos contribuam para a mobilização e enfrentamento da problemática da pesquisa. Por fim, a exposição dos resultados por meio de ilustrações, mapas temáticos, figuras, quadros, enriquece ainda mais os resultados e os tornam mais didáticos e compreensíveis.

Embora seja proposto o passo a passo da AT por meio de etapas e estágios, cabe salientar que se concorda com Braun e Clarke (2004) quando asseveram que a análise

não deve acontecer de forma engessada como se fosse necessário seguir sequencialmente todas as etapas e estágios. O processo deve ocorrer de modo flexível, uma vez que a AT “envolve um vaivém constante entre o banco de dados, os trechos codificados e a análise dos dados que se está produzindo a partir destes trechos (SOUZA, 2019, p. 54).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi descrever e propor etapas para a realização da Análise de Conceito (AC) e Análise Temática (AT) como possibilidade para analisar dados qualitativos em educação. Para isso, num primeiro momento destacou-se de forma sumarizada as características centrais de cada uma dessas técnicas, para, no segundo momento, apresentar um guia didático do passo a passo (sem soar como um receituário) para aplicá-las com rigor, credibilidade e qualidade no contexto das pesquisas em educação.

Tanto a AC, quanto a AT são técnicas que possuem uma ampla possibilidade de aplicação. No entanto, a proposição de um guia didático do passo a passo para desenvolvê-las não só é significativa para facilitar a compreensão de ambas, como também contribui para o processo da qualificação da pesquisa qualitativa, porquanto mais pesquisadores terão condições de aplicá-las com rigor, consistência e coerência em suas pesquisas, o que pode auxiliar com a superação do estigma de que “pode tudo” e que não há rigorosidade metodológica na pesquisa qualitativa.

Em vista do que foi exposto, fica evidente que a AC e a AT são muito contributivas para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas em educação. Por meio delas, os pesquisadores podem enfrentar diferentes tipos de problemáticas e interesses de pesquisa. São técnicas de análise de dados que, se forem utilizadas com rigor, credibilidade e qualidade, podem auxiliar na construção de profícuos resultados de pesquisa. Além disso, em uma pesquisa mais ampla, com uma problemática mais complexa, é possível utilizá-las em conjunto por meio da triangulação de técnicas de análise de dados.

Em que pese as potencialidades da AC e da AT, vale sublinhar que como toda técnica de pesquisa elas também possuem limitações. A AC não consegue abranger a totalidade de um conceito, e sim apenas o contexto em que ele está sendo investigado (seja o recorte temporal da literatura definido, como também o contexto de intervenção no

qual a pesquisa de campo foi efetuada). Por esse motivo a AC não deve ser conduzida de forma totalmente inflexível, isto é, no sentido de tentar encontrar uma definição categórica a algum conceito. Existem também conceitos que são extremamente complexos para encontrar atributos que auxiliem na sua elucidação. Portanto, a AC dispõe de muito mais capacidade para contribuir com o processo de contextualização dos conceitos do que no processo de definição.

Por se uma técnica bastante flexível, pode-se passar, de forma equivocada, a ideia de que para desenvolver uma pesquisa com a utilização da AT não é necessário ter rigorosidade e transparência metodológica, o que dá brecha para que análises frágeis e incongruentes sejam realizadas. Além disso, segundo Souza (2019) a AT não consegue dar um panorama mais generalizado dos dados e não é uma técnica recomendada para quando se tem a pretensão de quantificar os dados (o que não inviabiliza a sua utilização em estudos com abordagem mista).

No entanto, ao serem comparadas com outras técnicas de análise de dados qualitativos, como a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso, a AC e a AT, no campo da educação, não possuem uma presença expressiva na literatura. Pelo contrário, foram esporadicamente exploradas e utilizadas. Então, necessita-se de mais estudos que mobilizem e apliquem mais essas proficientes técnicas no cenário das pesquisas em educação para que assim seja notabilizada a real significância (e as limitações) delas e também para que novas perspectivas e possibilidades de utilização e aplicação sejam gestadas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRERA, María Dilia Miele; TONON, Graciela; SALGADO, Sara Victoria Alvarado. Investigación cualitativa: el análisis temático para el tratamiento de la información desde el enfoque de la fenomenología social. **Universitas humanística**, n. 74, p. 195-225, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/unih/n74/n74a10.pdf>>. Acesso em: 01/05/2022.

BRANDÃO, Marcos Antônio Gomes; MERCÊS, Claudia Angélica Mainenti Ferreira; LOPES, Rafael Oliveira Pitta; MARTINS, Jaqueline Santos de Andrade; SOUZA, Priscilla Alfradique de; PRIMO, Cândida Caniçali. Estratégias de Análise de Conceito para o desenvolvimento de teorias de enfermagem de médio alcance. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 28, p. 1-12, 2019. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/tce/a/sPyS5pnRvWdssKqr9PkXsyD/abstract/?lang=pt>>. Acesso: 01/05/2022.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/2006-06991-002>>. Acesso em: 01/05/2022.

CRUZ, Fabielle Rocha; FERREIRA, Jacques de Lima. Analisando o Discurso: linguística ou proposicional? **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 36, p. 09-19, 2021.

FERNANDES, Maria das Graças Melo; NÓBREGA, Maria Miriam Lima da; GARCIA, Telma Ribeiro; MACÊDO-COSTA, Kátia Nêyla de Freitas. Análise conceitual: considerações metodológicas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, p. 1150-1156, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/Nqsd9NRVy95fKC83MKvtMQd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 01/05/2022.

FLICK, Uwe. **Qualidade na Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JAVADI, Mostafa; ZAREA, Kouros. Understanding thematic analysis and its pitfall. **Journal of Client Care**, v. 1, n. 1, p. 34-40, 2016. Disponível em: <<http://journals.rpp.co.ir/demo/paper/20011>>. Acesso: 01/05/2022.

KAHN, Sami; ZEIDLER, Dana Lewis. A case for the use of conceptual analysis in science education research. **Journal of Research in Science Teaching**, v. 54, n. 4, p. 1-14, 2016. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/tea.21376>>. Acesso em: 01/05/2022.

MADUREIRA, Valéria Silvana Faganello; SILVA, Denise Maria Guerreiro Vieira da; TRENTINI, Mercedes; SOUZA, Sabrina da Silva de. Métodos de análise conceitual na enfermagem: uma reflexão teórica. **Escola Anna Nery**, v. 25, n. 2, p. 1-7, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/5CFw843CtDcMSZHtxXgn4Jg/?lang=pt>>. Acesso em: 01/05/2022.

MOREIRA, Herivaldo. Critérios e estratégias para garantir o rigor na pesquisa qualitativa. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 11, n. 1, p. 405-424, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/6977>>. Acesso em: 01/05/2022.

NUOPPONEN, Anita. Methods of concept analysis—a comparative study. **Journal Professional Communication, Knowledge Management, Cognition**, v. 1, n. 1, p. 4-12, 2010. Disponível em: <<https://rauli.cbs.dk/index.php/lspcog/article/view/2970>>. Acesso em: 01/05/2022.

ROSA, Liane Serra da; MACKEDANZ, Luiz Fernando. A Análise Temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v.16, e8574, 2021. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8574>>. Acesso: 01/05/2022.

SOUZA, Luís Manuel Mota de; FIRMINO, Cristiana Furtado; CARTEIRO, Dora Maria Honorato; FRADE, Fátima; MARQUES, Joana Mendes; ANTUNES, Ana Vanessa. Análise

de Conceito: conceitos, métodos e aplicações em enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**, v. 9, n. 19, p. 9-20, 2018. Acesso em: <https://repositorio-cientifico.essatla.pt/bitstream/20.500.12253/1408/1/RIE25_s2_9-20.pdf>. Disponível em: 01/05/2022.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005>. Acesso em: 01/05/2022.

TÄHTINEN, Jaana; HAVILA, Virpi. Conceptually confused, but on a field level? A method for conceptual analysis and its application. **Marketing Theory**, v. 19, n. 4, p. 533-557, 2019. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1470593118796677>>. Acesso em: 01/05/2022.

VAISMORADI, Mojtaba et al. Theme development in qualitative content analysis and thematic analysis. **Journal of Nursing Education and Practice**, v. 6, n. 5, p. 100-110, 2016. Disponível em: <<https://asset-pdf.scinapse.io/prod/2245858136/2245858136.pdf>>.

WILSON, John. **Pensar com conceitos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Análise de Conceito: um exercício intelectual em enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 1, n. 1, p. 10-14, 1996. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/44944>>. Acesso em: 01/05/2022.